

Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade

José Gllauro Smith Avelino de Lima – UFRN

SCHÜTRUMPF, Jörn (Org.) **Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Rosa Luxemburg. Análise Social e Formação Política, 2006. 144 p.

Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade, livro organizado por Jörn Schütrumpf e publicado no Brasil em 2006, sob a tradução de Isabel Loureiro, pela editora Expressão Popular, conduz à reflexão em torno dos escritos políticos da revolucionária polonesa Rosa Luxemburgo. Reúne, na Introdução, uma esclarecedora visão sobre os principais momentos da vida e obra desta pensadora, além de trazer três documentos de autoria da própria Rosa Luxemburgo: “No Albergue” (1912); “Tenho menos dificuldades em imaginar *pogroms* contra judeus na Alemanha” (1917) e a famosa brochura “A Revolução Russa” (1918). O livro é prefaciado por Michael Löwy, para quem Rosa Luxemburgo é, ao lado de Che Guevara, Antonio Gramsci e Leon Trotsky, “uma das poucas figuras do movimento socialista/comunista do século 20 que ainda sobrevivem na consciência e nas lutas do novo século que começa” (SCHÜTRUMPF, 2006, p. 11).

Na Introdução, intitulada “**Entre o Amor e a Cólera: Rosa Luxemburg**”, Jörn Schütrumpf expõe momentos importantes da vida e da obra de Rosa Luxemburgo, trazendo uma clara análise das concepções assumidas por ela quanto ao movimento revolucionário de superação da ordem social capitalista. Para Schütrumpf, Luxemburgo não dissociou a teoria da prática, mantendo-se fiel ao entrelaçamento entre palavra e ação, como também rejeitava qualquer doutrinação por quaisquer aparelhos, defendendo, com veemência, o pensamento independente. Contudo, a análise de Schütrumpf possibilita perceber que Rosa Luxemburgo apreciava mais a ação do que a teoria em si. Diz ele: “[...] ela tinha **pouco** interesse pela teoria em si. [...]. **Ela queria agir, transformar, instigar**” (SCHÜTRUMPF, 2006, p. 23, grifos nossos).

Como mostra Schütrumpf, Luxemburgo rejeitava fortemente qualquer pretensão ao nacionalismo, posto que ele conduzia ao chauvinismo e ao ódio contra outros povos, além de se constituir em um grande entrave aos ideais da Revolução Socialista, a qual, para acontecer, necessitava da união internacional do proletariado. Marx e Engels, já em 1848, em várias passagens do “Manifesto do Partido Comunista”, advertiam que o Socialismo não conhece fronteiras, apesar de reconhecerem que: “a luta do proletariado contra a burguesia embora **não seja uma luta nacional**, reveste-se contudo dessa forma nos primeiros

tempos” (MARX e ENGELS, 1848, p. 9, grifo nosso). Mas, ainda assim, reforçam que **nas diversas lutas nacionais dos proletários contra a classe burguesa, devem prevalecer os interesses gerais dos primeiros, independentemente de sua nacionalidade** (MARX; ENGELS, 1848). A importância dada ao internacionalismo fica ainda mais clara com a expressão de ordem que encerra o texto do “Manifesto do Partido Comunista”: “PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS” (MARX; ENGELS, 1848, p. 23, grifo dos autores).

As advertências de Luxemburgo e de seus amigos, quanto à questão nacional, fracassaram, tendo em vista que a valorização do nacionalismo em quase todos os Estados europeus de fins do Século XIX e início do Século XX desembocou em chauvinismo e ódio por outros povos, contribuindo progressivamente, em conjunto com outros fatores, para a eclosão da I Grande Guerra Mundial. No entanto, conforme aponta Schütrumpf, essa aversão ao nacionalismo possibilitou que a esquerda centrasse as suas atenções na questão social e em sua solução. Nesse sentido, dois pequenos partidos se engajaram na luta para abolir o capitalismo: os bolcheviques russos em torno de Lênin e a Social-Democracia do Reino da Polônia e Lituânia (SDKPiL), em torno de Rosa Luxemburgo. A convergência entre esses dois partidos era clara: **abolir o capitalismo**. Por outro lado, as divergências centravam-se em **como abolir?** O centro da divergência está no fato de que, para Lênin, **era preciso um partido de luta com organização rígida para guiar a revolução**, já para a SDKPiL, **era preciso um partido capaz de promover e possibilitar a ação autônoma dos trabalhadores** contra o capitalismo.

A expressão de ordem **“Socialismo ou Barbárie”** reflete a veemência com que Rosa Luxemburgo criticava o capitalismo. Para ela, segundo as palavras de Schütrumpf: “Os antagonismos no capitalismo aumentariam de tal forma que a humanidade cairia na barbárie. A tarefa do movimento operário consistia em fazer tudo para impedir que isso acontecesse. O socialismo era a salvação em face do declínio, donde a fórmula: socialismo ou barbárie” (SCHÜTRUMPF, 2006, p. 28). Essa expressão de ordem provoca uma ruptura com a idéia de que a história é algo inevitável, recusando desse modo a concepção da história como um processo determinado pelas leis objetivas do desenvolvimento econômico ou da evolução social. A idéia de “socialismo ou barbárie” assenta-se em uma concepção de história como processo aberto, em constante mudança, sendo percebido como “uma série de ‘bifurcações’, onde o ‘fator subjetivo’ – consciência, organização, iniciativa – dos oprimidos torna-se decisivo. Não se trata mais de esperar que o fruto ‘amadurecesse’, segundo as “leis naturais” da economia ou da história, mas de agir antes que seja tarde demais” (LÖWY, Jornal Combate, Portugal, 05/03/2003). Tal raciocínio aponta, portanto, para a possibilidade de construção de um outro mundo, de um mundo diferente deste. É, ainda, uma afirmação de atualidade incrível, tendo em vista que, de fato, o mundo contemporâneo está mergulhado na barbárie. Alguém duvida?

O escrito “**No albergue**” (1912), de autoria de Rosa Luxemburgo, apresenta uma crítica radical à barbárie capitalista. É um texto no qual percebemos a perspicácia dessa grande revolucionária, bem como a sua defesa pelo Humano. A autora tece uma arguta análise em torno dos antagonismos da ordem social capitalista, apresentando a conflitividade inerente a tal ordem. Percebemos no texto o caráter polêmico, irônico e sarcástico de Rosa Luxemburgo em favor do protesto contra a desumanidade provocada pelo Capital. Suas reflexões denunciam a extrema dualidade presente no corpo social, a *luta de classes* camuflada pelo discurso de prosperidade e honestidade. Diz ela:

Todos sabem que existem albergues, mendigos, prostitutas, polícia secreta, criminosos e ‘elementos desonestos’. Mas habitualmente tudo isso é sentido como algo distante e estranho, situando em algum lugar fora da sociedade propriamente dita. Entre os trabalhadores honrados e esses excluídos existe um muro, e raramente se pensa na miséria que se arrasta na lama do outro lado do muro. De repente algo acontece que atua como se, no meio de um círculo de pessoas bem educadas, sensíveis e gentis, alguém descobrisse por acaso, debaixo de móveis preciosos, indícios de crimes horríveis, de depravações vergonhosas. De repente a máscara da prosperidade é arrancada da nossa sociedade pelo horrível espectro da miséria, sua honestidade revela-se como a maquiagem de uma prostituta (LUXEMBURGO, 1912 apud SCHÜTRUMPF, 2006, p. 65-66).

Luxemburgo ainda aponta, nesse texto, a tamanha exploração do homem pelo homem promovida pelo capitalismo, denunciando as condições de existência subumanas nas quais a maioria dos trabalhadores estão mergulhados. Na crítica aguçada que lança a esse modo de produção, ela afirma que os trabalhadores só fazem aumentar a riqueza do explorador e que, na sociedade capitalista, “[...] os trabalhadores – massa obscura, discreta, silenciosa – saem todos os dias das fábricas e oficinas tal como entraram de manhã, pobres-diabos, eternos vendedores levando ao mercado o único bem que possuem – a própria pele” (LUXEMBURGO, 1912 apud SCHÜTRUMPF, 2006, p. 68). Disso retiramos o profundo conhecimento que tinha Rosa Luxemburgo das contradições intrínsecas ao capitalismo, bem como a sua postura a favor da superação da ordem social burguesa.

Na carta enviada da prisão à sua amiga Sonia Liebknecht, “**Tenho menos dificuldades em imaginar pogroms contra judeus na Alemanha**” (1917), Rosa Luxemburgo adverte que as perseguições aos judeus não mais serão realizadas pela Rússia, mas pela Alemanha. Esta advertência adquire tom

profético diante do Holocausto protagonizado pelo Nazismo durante a Segunda Grande Guerra Mundial. Os *pogroms* se constituíram como uma reação do regime tsarista às greves e manifestações, provocando terror não só aos judeus, mas a estudantes, pessoas de esquerda e trabalhadores revolucionários. A razão apontada por Rosa Luxemburgo para a sua afirmação de que esses *pogroms* seriam mais intensos na Alemanha se deve ao fato de que “na Rússia, a época dos pogroms acabou de uma vez por todas. O poder dos trabalhadores e do socialismo é muito forte para isso. A revolução purificou de tal maneira a atmosfera dos miasmas e do ar sufocante da reação que Kichinev é para sempre *passé*” (LUXEMBURGO, 1917 apud SCHÜTRUMPF, 2006, p. 73-74, grifo da autora).

O último texto de Rosa Luxemburgo presente no livro organizado por Schütrumpf é a famosa brochura “**A Revolução Russa**” (1918). Nele, a revolucionária polonesa expressa a sua solidariedade para com os bolcheviques russos sem deixar, contudo, de a eles lançar duras críticas quanto às posturas tomadas durante o desenrolar das ações revolucionárias em 1917. Ao iniciar o texto, Luxemburgo tece suas análises em torno da questão do nacionalismo, afirmando que não se pode esquecer a responsabilidade do proletariado internacional pelo destino da Revolução Russa, bem como não se pode negar as conexões internacionais dessa Revolução. Para ela, uma das condições fundamentais da Revolução Socialista é a ação conjunta do proletariado internacional, sem a qual todos os esforços serão em vão, mesmo os mais habilidosos. A autora também adverte que a ação revolucionária internacional do operariado deve fazer a revolução avançar muito rapidamente, tirando do seu caminho tudo o que configurar obstáculo para o alcance de seus objetivos, como também não deve parar em nenhum ponto do caminho, caso contrário, correrá o risco de ser sufocada e, conseqüentemente, esmagada pelas forças contra-revolucionárias.

Em nenhuma revolução o ‘justo meio’ pode ser mantido, sua lei natural exige decisões rápidas: ou a locomotiva subirá a encosta histórica a todo vapor até o cume, ou, arrastada pelo próprio peso, voltará à planície de onde partira, arrastando consigo para o abismo, sem esperanças de salvação, os que, com suas fracas forças, queriam detê-la a meio do caminho (LUXEMBURGO, 1918 apud SCHÜTRUMPF, 2006, p. 94-95).

A análise de Rosa Luxemburgo no tocante à **questão agrária** é um exemplo de sua aguda sensibilidade revolucionária sobre o que corroboramos a idéia da autora. As reflexões presentes nesse texto apontam que a expressão de ordem utilizada pelos líderes bolcheviques “apropriação imediata e repartição das terras pelos camponeses” foi uma excelente tática como medida política, mas perigosa para os ideais da revolução em termos práticos. Segundo Rosa Luxemburgo, isso não se constituiu como uma

medida socialista, posto que obstruiu toda possibilidade de para lá caminhar. Eis as suas palavras quanto a essa questão: “A tomada das terras pelos camponeses [...] levou simplesmente a uma passagem brusca da grande propriedade fundiária à propriedade fundiária camponesa. **Não foi criada uma propriedade social, e sim uma nova propriedade privada** [...]” (LUXEMBURGO, 1918 apud SCHÜTRUMPF, 2006, p. 98, grifos nossos). Com essa crítica, Luxemburgo deixa claro que uma nova classe proprietária nasceu, impossibilitando a coletivização socialista da agricultura, uma vez que a massa de camponeses proprietários defenderia com unhas e dentes a propriedade recém adquirida. Com isso, Luxemburgo chega à conclusão de que a “revolução agrária de Lenin criou no campo uma nova e poderosa camada popular de inimigos do socialismo, cuja resistência será muito mais perigosa e obstinada do que foi a da aristocracia fundiária” (LUXEMBURGO, 1918 apud SCHÜTRUMPF, 2006, p. 100).

Outra crítica direcionada aos bolcheviques russos, feitas por Rosa Luxemburgo, gravita em torno da questão da **liberdade ilimitada das nações**. Assim como a política em relação aos camponeses não saiu como o esperado, também o foi em relação à liberdade das nações. Para ela, Lênin e seus companheiros esperavam que a concessão da liberdade à Finlândia, Ucrânia, Polônia, Lituânia, Países Bálticos, entre outras, faria com que estas nações aderissem à causa da Revolução Russa em um movimento internacionalista reclamado pelos revolucionários. No entanto, conforme aponta Rosa, tais nações se voltaram contra os ideais da Revolução, se constituindo em suas inimigas mortais, aliando-se ao imperialismo alemão e fincando a bandeira da contra-revolução em solo russo.

Não menos importante é a análise de Rosa Luxemburgo sobre a questão da **Assembléia Constituinte**. Segundo ela, um passo desequilibrado dos líderes bolchevistas foi o de dispersá-la e não convocarem uma nova eleição sob a razão de que a Assembléia Constituinte vigente não mais correspondia ao desenvolvimento da luta política atual. Rosa Luxemburgo critica, pois, a postura dos líderes da Revolução quanto à não convocação de eleições para a formação de uma nova Assembléia Constituinte, argumentando que, se a atual assembléia correspondia à Rússia de ontem, era tarefa construir uma nova que refletisse o estado atual das coisas, ou seja, uma assembléia saída da Rússia renovada e mais avançada. Além da formação dessa nova **Assembléia Constituinte**, era preciso ainda assegurar as vias democráticas essenciais a uma vida pública sadia, porque “sem eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa e de reunião, sem livre debate de opiniões, a vida se estiola em qualquer instituição pública, torna-se uma vida aparente em que só a burocracia subsiste como único elemento ativo” (LUXEMBURGO, 1918 apud SCHÜTRUMPF, 2006, p. 120).

Observamos que é precisamente sobre essa questão do burocratismo que Rosa Luxemburgo dirige a sua mais aguda crítica aos líderes bolchevistas. Para estes, era necessário um partido de luta com uma organização rígida para guiar a revolução, estabelecer a ditadura do proletariado e, por fim, a

sociedade comunista. Ela acreditava que o Socialismo não admite uma receita pronta, nem muito menos pode ser construído por meio de decretos. Em sua visão, é a ação autônoma das massas que, aprendendo com os seus próprios erros e reafirmando os seus acertos, pode construir democraticamente a sociedade comunista. Assim, as massas populares precisam participar ativamente da abolição do sistema capitalista, caso contrário, o socialismo se burocratizaria e seria empurrado de cima para baixo, em uma ação eminentemente antidemocrática. Sobre a questão do burocratismo, Rosa é impiedosa, afirmando que um partido burocrático que se proponha a dirigir a revolução não faria outra coisa senão adormecer a vida pública. Vejamos:

Algumas dúzias de chefes partidários, [...], dirigem e governam; entre eles, na realidade, uma dúzia de cabeças eminentes dirige, e a elite do operariado é convocada de tempos em tempos para reuniões, para aplaudir os discursos dos chefes e votar unicamente as resoluções propostas; portanto, no fundo, é uma clique que governa – de fato uma ditadura, não a ditadura do proletariado, e sim a ditadura de um punhado de políticos, isto é, uma ditadura no sentido burguês [...] (LUXEMBURGO, 1918 apud SCHÜTRUMPF, 2006, p. 120).

Em linhas gerais, o livro **“Rosa Luxemburgo ou o preço da Liberdade”** possibilita uma introdução ao estudo do pensamento revolucionário de Rosa Luxemburgo. Os textos nele reunidos expõem os principais momentos da vida e da obra desta revolucionária, como também registram com clareza algumas de suas principais idéias quanto ao movimento revolucionário, trazendo as críticas desta pensadora à ordem social capitalista e o porquê da necessária superação desta ordem. É um livro que mostra não só o surpreendente caráter intelectual de Rosa Luxemburgo, mas também a sua grandiosa Humanidade. Os seus escritos possuem uma validade incrível, em particular, a nosso ver, os que tratam da barbárie, da desumanidade e das contradições do sistema capitalista. Por fim, Rosa Luxemburgo é, sem dúvida, como aponta Michael Löwy no Prefácio deste livro, uma pensadora que ainda sobrevive – e acreditamos que sobreviverá por muito tempo – nas consciências e na prática daqueles que lutam por uma sociedade democrática e mais justa.

Diante do que foi exposto, este livro oferece valiosas contribuições aos que buscam uma melhor compreensão sobre o modo luxemburguiano de pensar o movimento revolucionário de superação do capitalismo. Por esse motivo, o indicamos aos que estão adentrando no campo das críticas à ordem social burguesa, assim como aos que já se encontram envolvidos, de uma forma ou de outra, com essa temática. Boa leitura!